

Investigadores preveem quais serão os principais impactos na biodiversidade oceânica, na próxima década

(imagem disponível no final do texto)

Uma equipa internacional de investigadores, da qual fazem parte dois investigadores portugueses, identificou os impactos emergentes para a biodiversidade oceânica, na próxima década. A extração de lítio do fundo do mar, a sobrepesca de espécies de águas profundas e o inesperado impacto que os incêndios florestais têm nos oceanos, estão entre as quinze questões que os especialistas alertam que devemos começar, desde já, a ter em consideração.

Uma equipa internacional de investigadores – da qual fazem parte Maria Dias, professora da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e investigadora do cE3c, e Ricardo Calado, investigador do ECOMARE/CESAM e da Universidade de Aveiro - elaborou uma lista de 15 temas que acreditam que terão impactos significativos na biodiversidade marinha e costeira nos próximos cinco a dez anos. A análise realizada concentrou-se na identificação de problemas que não estarão a receber, neste momento, a devida atenção, mas que se tornarão importantes na próxima década. O objetivo é consciencializar e incentivar o investimento na avaliação completa dessas questões agora, e potencialmente impulsionar mudanças de políticas, antes que as questões tenham um maior impacto sobre a biodiversidade.

As questões analisadas incluem os impactos dos incêndios florestais nos ecossistemas costeiros, os efeitos de novos materiais biodegradáveis no ambiente marinho ou a exploração dos recursos oceânicos, como por exemplo o lítio, que pode ser encontrado em ambientes marinhos únicos que abrigam uma grande diversidade de vida. James Herbert-Read, do Departamento de Zoologia da Universidade de Cambridge e primeiro autor do artigo refere que “Ao procurar antecipar problemas futuros, estamos a indicar quais as mudanças que devem ser feitas hoje - tanto na monitorização quanto na política – para proteger os nossos ambientes marinhos e costeiros”.

Embora a sobrepesca seja um problema atual e já identificado, os autores deste trabalho pensam que em breve poderá haver uma mudança para a pesca nas águas mais profundas, na zona mesopelágica (profundidades entre 200 – 1.000 m), onde os peixes não são próprios para consumo humano, mas podem ser vendidos como alimento para pisciculturas.

O relatório também destaca o impacto potencial de novos materiais biodegradáveis no oceano. Algum desses materiais são mais tóxicos para as espécies marinhas do que os

plásticos tradicionais. Os autores também alertam para que o conteúdo nutricional dos peixes está a diminuir como consequência das alterações climáticas.

Nem todos os impactos previstos são negativos. Os autores pensam que o desenvolvimento de novas tecnologias, como a robótica, possa conduzir a melhores sistemas de rastreamento subaquático, o que poderá permitir aos cientistas saber mais sobre as espécies marinhas e a sua distribuição, contribuindo para a designação de áreas marinhas protegidas mais eficazes. Alertam, no entanto, para que o impacto dessas tecnologias na biodiversidade seja devidamente avaliado.

Embora existam muitos problemas conhecidos que afetam a biodiversidade oceânica, incluindo as alterações climáticas, a acidificação e a poluição, este estudo concentrou-se em questões emergentes menos conhecidas que em breve poderão vir a ter impactos significativos nos ecossistemas marinhos e costeiros.

As Nações Unidas designaram 2021-2030 como a ‘Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável’. Para além disso, a XV Conferência das Partes (COP) da Convenção sobre Diversidade Biológica, das Nações Unidas, concluirá as negociações sobre uma estrutura global de biodiversidade, em final de 2022. Estas iniciativas têm como objetivo retardar e reverter a perda de biodiversidade e estabelecer metas até 2050.

Maria Dias, co-autora do estudo, refere: “Este estudo resulta da consulta prévia de cerca de 680 especialistas e outros profissionais ligados ao meio marinho, em todo o mundo. Esperamos agora que os resultados despertem a atenção de financiadores e de decisores políticos, para trazer para a agenda da conservação marinha os assuntos que ainda só se vislumbram no horizonte – e evitar que estes se tornem problemas”. E acrescenta: “Exercícios como estes permitiram, no passado, identificar problemas como o aumento exponencial dos microplásticos, quando este era ainda pouco conhecido – mas que está hoje no centro das atenções, como se verificou durante a Conferência dos Oceanos organizada pelas Nações Unidas, que ocorreu recentemente em Lisboa”.

Esta análise envolveu 30 especialistas em sistemas marinhos e costeiros de 11 países do mundo de norte a sul, de uma variedade de origens, nos quais se incluem cientistas e decisores políticos. Os resultados foram publicados na revista *Nature Ecology and Evolution*.

Ref. Artigo:

Herbert-Read, J.E., Thornton, A., Amon, D.J. et al. A global horizon scan of issues impacting marine and coastal biodiversity conservation. *Nat Ecol Evol* (2022). <https://doi.org/10.1038/s41559-022-01812-0>

Contactos:

Patrícia Tiago

91 986 03 11

gabcomce3c@fc.ul.pt

Gabinete de Comunicação do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais – cE3c (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa)



Ecosistemas Marinhos (Fotografias de Emma Johnston)